

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Luta e melancolia na obra de Graciliano Ramos

Denise Schittine¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

dschittine@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho se propõe a fazer uma leitura os textos *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, à luz da melancolia. De temperamento marcadamente saturnino, o autor utilizou as fases de tristeza, culpa, solidão e isolamento em sua vida para fazer uma observação arguta do mundo e compor uma obra de caráter inovador e político. A produção de Graciliano em livros, romances, crônicas e textos abarcou o período de 1915 até os anos 1950, acompanhando de perto a fase melancólica de mudanças políticas no Brasil, o perturbador momento das guerras mundiais e as reviravoltas na vida do próprio escritor, que foi preso na época do Estado Novo. Vencendo a apatia, a angústia e a tristeza desses tempos, Graciliano encontra numa escrita de lucidez e de luta a saída para não sucumbir à melancolia.

Palavras chave: Literatura brasileira – Graciliano Ramos – Melancolia – Estado Novo

Abstract: The purpose of this project is to exam the works *Vida secas* and *Memórias do cárcere*, by Graciliano Ramos, in light of melancholy. Known for his particularly saturnine temperament, the author used the stages of grief, guilt, loneliness and isolation he had experienced throughout his life to make acute observations on the world and to put together a work of innovative and political character. Graciliano Ramos wrote books, novels, essays and texts from 1915 all the way to the 1950s, following closely the melancholic decades of political changes in Brazil, the disturbing periods of both world wars and the twists in the author's own life, who was arrested during the New State. Overcoming apathy, anguish and sorrow of these times, Ramos finds is his eloquent and militant writing the means not to succumb to melancholy.

Keywords: Brazilian literature – Graciliano Ramos – Melancholy – New State

Pese ser um dos maiores escritores da literatura brasileira, Graciliano Ramos escreveu apenas quatro romances e interrompeu o processo no seu

¹ **Denise Schittine** é mestre em Comunicação e Sistemas Simbólicos pela Escola de Comunicação da UFRJ com orientação de Heloísa Buarque de Hollanda. Tem doutorado em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com orientação de Eliana Lucia Madureira Yunes. Possui dois livros publicados: "Blog: comunicação e escrita íntima na internet", pela editora Civilização Brasileira, e "Veredas argentinas: ensaios à margem da literatura", pela editora 7 Letras. É consultora e editora de ficção e não-ficção nacional na Editora Rocco.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



auge, quando lançou *Vidas secas*, em 1938. A partir daí, ele se debruçou sobre os escritos autobiográficos. O que, a princípio, parece uma arbitrariedade, na verdade faz parte de um projeto mais amplo do autor que costura ficção e confissão, nas palavras de Antonio Candido. Colocar-se através dos personagens e posicionar-se pessoalmente é parte de uma proposta de luta que escritor alentou durante toda sua vida e que começou com uma infância sem encantos, passando por uma obra dedicada às desigualdades, chegando à política de resistência, ao exílio e, finalmente, ao cárcere.

Graciliano fala de si mesmo, ou melhor, de seus princípios morais e éticos ao fazer falar os personagens. Eles se tornam intermediários para a história que deseja contar. E que história seria essa? O relato de como a vontade de viver se desenvolve nos fracos. E o olhar do escritor é muito específico: atua através do respeito à observação e do compromisso com a verdade. Por isso, a sua passagem à confissão é uma continuação de seu projeto de escrita. Ele acredita que experiência é o material fundamental para o embasamento da ficção.

A denúncia em Graciliano é decorrente de um ponto de vista particular sobre o sistema. Uma visão no plano político contrária ao mundo da burguesia e do capitalismo e suas normas limitadoras e uma visão no plano estético de perseguir o efeito máximo de emoções com os recursos mínimos. Se a linguagem é a principal arma dos homens – submete o mais fraco à lei do mais forte –, ela é também a moeda mais cara do romancista. Em *Vidas secas*, especialmente, o trabalho com ela cumpre o projeto estético do autor “mostrando a força de Graciliano ao construir um discurso poderoso a partir de personagens incapazes de falar (...), para os quais o narrador elabora uma linguagem virtual a partir do silêncio”. (Candido *Ficção* 145-146).

Este silêncio significa algo. Não é uma posição de retração, mas uma postura de negação e, portanto, de resistência. Desde o princípio, o autor vai se mostrar contra os valores sociais e as normas decorrentes do sistema. *Vidas secas*, seu último romance, versa sobre o outro, a injustiça social, a espoliação e pessoas que vivem com o mínimo. O mínimo que o próprio

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Graciliano experimentou quando esteve na cadeia. O cinturão que o pai usa em sinal de castigo em *Infância* é o primeiro contato com a injustiça da norma social. Ela começa com a dura disciplina escolar, passa pela relação com os pais e, finalmente, chega ao tratamento dispensado aos subordinados e aos desvalidos, que o autor vai trabalhar longamente em sua ficção.

É esse inconformismo que vai levá-lo a insurgir-se em relação à sociedade que se desenhava nos anos 1930. Uma sociedade que escondia muita miséria e desigualdade debaixo de uma euforia populista. Um projeto de pátria brasileira aparentemente unificador, mas que empurrava cada vez mais para as margens os desamparados. Graciliano nutre uma ideia expressiva de que a norma é o mal. “Neste terreno, não há meios-tons, Graciliano Ramos, tanto na obra fictícia quanto na autobiográfica, é um negador pertinaz dos valores da sociedade e das normas decorrentes” (Candido *Ficção e Confissão* 86).

É exatamente este sentimento de negatividade e de antagonismo em relação aos padrões vigentes que levará o autor a experimentar dois tipos de melancolia. A primeira proveniente de uma posição de exílio em relação a uma pátria que admira, mas reconhece como lugar de impostura e da mentira. E a segunda decorrente da lucidez como denúncia. A primeira se destaca em *Memórias do cárcere* e a segunda está presente em *Vidas secas*. Mas a melancolia no autor é um sentimento fundador da personalidade. Ela está em *Infância* onde o pequeno Graciliano vê refletido no espelho materno apenas a dor, a cólera, a inquietação e a desconfiança das amabilidades. Winnicott acredita que quando a criança olha para a mãe o que vê é a si mesma: “Minha mãe não dispunha dessas vantagens. E, com certeza, se amofinava, coitada, revendo-se em nós, percebendo cá fora, soltos dela, pedaços de sua carne propícia aos furúnculos. Maltratava-se maltratando-nos” (Ramos *Infância* 25).

O autor encara sem ilusões esse primeiro olhar para o rosto materno. Em geral, a criança espera aquiescência da mãe, mas se, ao contrário, o indivíduo recebe como resposta um “está bom, mas...”, as coisas se complicam. A partir daí as imagens de perfeição se formalizarão através de um

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



rígido modelo cuja insatisfação em relação ao próprio dom deságua num tipo particular de melancolia. O dom se mostra insuficiente, daí a necessidade de um Graciliano maduro insistir na falta de qualidade dos seus livros e na necessidade de reescrevê-los.

Mas também, é esse modelo de melancolia que garante uma qualidade de escrita. Segundo Marie-Claude Lambotte está no discurso do melancólico manter modelos inatingíveis e imagens de perfeição. Ideais inacessíveis que o autorizam a negar-se a si mesmo e negar o mundo. Ora, Graciliano transforma essa negatividade em discurso político-social e a incorpora na própria escrita criando uma solução para sua essência melancólica. Confessando-se através dos personagens na ficção ou colocando-se em discurso direto em sua obra biográfica, ele expurga o discurso melancólico em conteúdo e emula seus efeitos na forma.

Memórias do cárcere – melancolia de um exilado

Graciliano Ramos foi preso depois do malsucedido levante comunista de 1935, a mando da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), sem nenhuma acusação formal ou processo criminal aberto contra ele. A “revolução” de 1930, um mal disfarçado golpe de Estado, abria os caminhos para a ditadura do governo de Getúlio Vargas, que começava a tirar do caminho os intelectuais com ideologias antagônicas. O coronel Filinto Muller deu a ordem de prisão que exilaria por um ano o escritor de sua ideia de pátria. Graciliano foi preso e enviado para Recife, onde embarcou, num navio com 112 presos e péssimas condições de convivência e higiene, para o Rio de Janeiro. Sua visão política, suas obras, seus contatos e amizades eram uma rede de motivos que mais do que autorizavam sua detenção para um governo autoritário.

O mundo se tornara fascista. Num mundo assim, que futuro nos reservariam? Provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere, findaríamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. (Ramos *Memórias* 138)

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



A prisão daria a ele uma experiência triste e dolorosa em que o pessoal se misturaria ao coletivo dos considerados “inimigos do sistema” das mais diferentes patentes. Entre presos políticos, ladrões, vagabundos, intelectuais, operários, artesãos, profissionais liberais, comunistas convictos e por engano.

Duas impressões foram desfeitas no período em que passou na prisão: a ideia de que nunca mais escreveria e a solidariedade que encontrou nos homens, independente de suas orientações políticas. Durante o tempo em que esteve preso, mesmo nos lugares em que a situação era mais insalubre, Graciliano escreve. Escreve para sobreviver ao ambiente deteriorador, ao embrutecimento, à animalização. Escreve para não morrer. Na prisão também se dá conta de que existe um filtro humano solidário por trás dos maniqueísmos políticos.

Ao ser colocado junto a um grupo de esconjurados pelo sistema, o escritor reitera a visão de que havia um projeto social da mentira e confirma a ideia de que os homens e os brasileiros só se igualam na miséria e na injustiça. O projeto populista governamental era uma farsa. E a sua denúncia era no sentido de mostrar o engano dessa ideia de pátria e o enfeite na proposta de identidade nacional. Mais uma vez, a busca da verdade e a experiência, dessa vez na própria carne, fazem com que o escritor aponte a pátria falsa e mistificada. O seu luto está na perda do que ele considera um plano social verdadeiro para o Brasil. Na definição clássica que Freud dá à melancolia, ele explicita essas questões: “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia” (Freud 47). É esse luto de perda da pátria, da liberdade e dos ideais que, dez anos depois, ele vai amargar ao escrever *Memórias do cárcere*.

Entre propostas diferentes e ideais para um novo Brasil, Graciliano elege um realismo desencantado, que vai refletir em sua ficção, mas também nos textos biográficos. O escritor se apoia sobre um sistema literário pessimista

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



em que ricos e miseráveis, homens e mulheres, ignorantes e cultos obedecem a uma mesma fatalidade cega e má. “A vida é um mecanismo de negações em que procuramos atenuar o peso inevitável dessas fatalidades: e parecemos ridículos, maus, inconsequentes”, observa Antonio Candido. E essa é a profissão de fé que Graciliano vai levar do seu período na prisão.

A experiência do cárcere aguça o ponto de vista humanista do escritor. Ali dentro, ele se vê obrigado a examinar as qualidades e defeitos dos homens e a análise não o deixa de fora. Ele se pergunta: seria capaz dos mesmos atos de generosidade dos quais era beneficiário? Duvidava. A realidade o havia modificado. “Tudo lá dentro é confuso, ambíguo, contraditório, só os atos nos evidenciam, e surpreendemo-nos (...) fazendo coisas e dizendo palavras que nos horrorizam”. (Ramos *Memórias* 79). Mas, uma vez estando fora, não deixou de lado o seu compromisso com a verdade.

Sua resistência ao meio, quase uma violência à sua integridade física, e ao estado melancólico se opera pelo milagre da escrita. São as notas que escreve nesta situação limite que formam o núcleo embrionário do livro. “Resiste, pois, tenazmente ao meio, nega-se às suas leis e encontra equilíbrio, precário mas decisivo, nas pequenas folhas de papel em que afirma sua autonomia espiritual” (Candido *Ficção e confissão* 89). O seu protesto não está na posição política ou partidária, mas no uso da literatura como arma contra as normas restritivas.

***Vidas secas*: a melancolia disfarçada de lucidez**

Enquanto os românticos mal disfarçavam a identidade nacional por meio de heróis negros e índios e um sertão como o paraíso perdido, Graciliano Ramos faria de seus retirantes de *Vidas secas* o retrato de um Brasil desigual e injusto. O seu referido “romance regionalista” é um apelo ao que se desenrola num país periférico em contraponto com o crescimento de um Brasil central, enriquecido e burguês. E no lado periférico o sertão é a paisagem de sol a pino, melancólica: sem adereços, uma natureza acachapante capaz de

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



desenhar no homem os traços da miséria. O realismo desencantado do autor vai privilegiar o brutal no homem e na natureza.

Mais uma vez, a principal característica é a negatividade, que irá redesenhar a ideia de nação e do homem nordestino. Graciliano nega as ideias de nacionalidade vigentes, nega as teorias sobre o bom selvagem e, por último, nega a paisagem sertaneja como lugar de encantamento. O sertão é o deserto, afirmação da negatividade: cemitério a céu aberto. Lugar onde “o voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos”. (Ramos *Vidas secas* 9-10). Perdidos entre o Céu e a Terra, nessa espécie de Purgatório que é o sertão, o vaqueiro Fabiano, sinhá Vitória, seus dois filhos e a cachorra Baleia insistem em sobreviver. *Vidas secas* é a história dessa família reduzida ao mínimo.

Mas mesmo ao reduzir ao mínimo em linguagem, em tamanho e em diálogos o romancista consegue extrair o máximo de expressividade e emoção. Resumidos a animalidade, jogados de um lado para o outro, incapazes de compreender o discurso dominante, esses retirantes são também parte de um Brasil ignorado.

É o deserto sertanejo por onde vagam essas almas que desperta o sentimento de solidão e melancolia, o mesmo que o autor experimentou no navio em direção ao cárcere, cercado de gente, mas isolado num deserto interior. São esses dois momentos limites, reproduzidos na ficção e na confissão, que transformam a morte numa sombra de estimacão junto aos emigrantes mortos de fome e numa companheira íntima do escritor na prisão. “A nossa vida não tem muito valor, às vezes se encrenca e desejamos a morte;” (Ramos *Memórias* 86). É do flerte com a morte que as narrativas do autor se tornam mais cristalinas e, conseqüentemente, mais lúcidas.

O viver com o mínimo e à sombra da morte faz com que esses homens abram os olhos e alentem uma visão mais lúcida da vida, o que aproxima os dois – o personagem Fabiano e o escritor Graciliano – do estado melancólico. Marie-Claude Lambotte pontua que “o problema do melancólico é ignorar a aura de ilusão que enfeita todas as coisas com a cintilação narcísica daquele

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



que as olha” (Lambotte 549). A lucidez põe fim a ambivalência e ao possível engano de que a realidade pode ser modificada como “em um passe de mágica”.

Freud ressalva que adoecemos quando nos tornamos lúcidos demais ante o que realmente perdemos. Esta lucidez está na crueza de perceber a perda da dignidade e com ela do valor da própria vida. Sem propriedade, sem terras e sem esperança, a família de Fabiano repete o deslocamento sazonal do ciclo das águas entremeado pelo castigo das secas. Caminhando por uma terra que não ampara: lugar de desterro, que faz com que o retirante jamais tenha sensação de pertencimento. À imagem da caatinga – monumental, seca e morta – contrapõem-se os movimentos dos homens e animais que permanecem teimosamente vivos e em deslocamento.

Lucidez e melancolia estão no cerne da palavra sertão: deserção, desolação e desengano. Mas não apenas da terra que é abandonada uma e outra vez pelo homem, como o homem abandonado e desiludido pela terra, como mostra Graciliano neste livro. Quem é, afinal, o desertor nesse jogo? Assim a melancolia é o lugar da lucidez que deserta o homem da ilusão.

Mas o resultado do desencantamento é o trabalho, e isso percebemos na luta diária de Fabiano, que compensa com o suor do rosto a dificuldade de comunicação. Para este vaqueiro, a linguagem é o lugar da catástrofe, é onde se cumpre o seu destino. Mas é também onde se desenvolve a ilusão, o engano. Em Fabiano silêncio substitui linguagem e a realidade é a única forma de vencer a melancolia. Graciliano, ao contrário, usa a linguagem, mesmo que abreviada e condensada, para vencer a depressão. A lucidez no autor é uma arma.

Ao escolher privilegiar o osso e não o recheio de personagens e histórias, o romancista utiliza a lucidez na linguagem escolhendo a palavra exata. Para vencer a melancolia serve-se da escrita que representa o seu êxodo, a sua saída, mas também o seu êxito na denúncia e na luta contra um regime que não acredita. O que Graciliano compreende muito cedo é que não é

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



a ilusão, mas a realidade que dá ao homem o seu espaço para uma sobrevivência psíquica.

Bibliografía

Candido, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

----- *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

Freud, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2011.

Lambotte, Marie-Claude. *O discurso do melancólico: da fenomenologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

Ramos, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

----- *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

----- *Memórias do cárcere*. São Paulo: Círculo do livro, 1975.

Winnicott, Donald W. "Psicose e cuidados maternos". *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

Martins, Karla. P.H. *Sertão e melancolia: espaços e fronteiras*. Curitiba: Appris, 2014.